

## OS MUITOS CAMINHOS DO QUIXOTE: PLURALIDADE DE VOZES E INTERPRETAÇÃO

Geraldo WITEZE JR.<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo procura fazer uma revisão das leituras da grande obra de Cervantes, mostrando a pluralidade das interpretações, inclusive as contradições entre elas, especialmente nas duas grandes linhas interpretativas: a cômica e a romântica. Visa também destacar sua relação com a história, com as mudanças que passava a sociedade espanhola no final do século XVI e início do XVII. Além disso indaga sobre a possível vinculação do *Quixote* com a literatura utópica, através da influência de Erasmo, ressaltando o episódio em que Sancho Pança se torna governador da ilha Baratária.

**Palavras-chave:** Dom Quixote. Crítica e interpretação. Utopias.

Miguel de Unamuno, em “Sobre a leitura e interpretação do Quixote” (1958, p. 659), faz uma pergunta importante: “O que tem a ver o que Cervantes quis dizer em seu Quixote, se é que quis dizer algo, com o que os demais vejam nele? Desde quando é o autor de um livro quem vai entendê-lo melhor?”<sup>2</sup>. Com isso abre as portas para novas interpretações e para que o texto seja reapropriado livremente segundo cada leitor.

Tanto Unamuno quanto Ortega y Gasset – que segundo Anthony Close (1978) se orgulhavam de não serem especialistas – desenvolveram análises que estão consolidadas e são consideradas clássicas. Usam o *Quixote* para interpretar e até mesmo fornecer uma identidade para a Espanha, conferindo um cunho marcadamente nacionalista à obra e a considerando fundadora da nação espanhola. Ortega y Gasset (1995, p. 124) defende a busca de um sentido profundo, sentido esse que só se apresenta mediante “um ler que é um *intelligere* ou ler o de dentro, um ler pensativo”<sup>3</sup>. Unamuno, por sua vez, busca a poesia do *Quixote*, que não está no estilo e na forma, defendendo que Cervantes criou uma obra e uma personagem que são muito maiores que ele.

A *Historia Social de la Literatura Española* (1979) aponta que na Espanha dos séculos

---

<sup>1</sup> Mestre em Teoria Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp, Campinas, SP, Brasil. Indigenista especializado na Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Cidade de Goiás, GO, Brasil. E-mail: [woitze@gmail.com](mailto:woitze@gmail.com).

<sup>2</sup> “¿Que tiene que ver lo que Cervantes quisiera decir en su *Quijote*, si es que quiso decir algo, con lo que a los demás se nos ocurra ver en él? ¿De cuando acá es el autor de un libro el que ha de entenderlo mejor?”

<sup>3</sup> “un leer que es un *intelligere* o leer lo de dentro, un leer pensativo”.

XVI e XVII há uma dependência cervantina do Renascimento italiano e do erasmismo, este último contido pela Contra-Reforma. Para Marcel Bataillon (1983, p. 348-349) as obras proibidas continuaram sendo lidas na Espanha pós tridentina “e seguiu sendo viva, ainda que descontínua e subterrânea, a inclinação para ler a *Moria* em alguns focos espanhóis de cultura humanística”<sup>4</sup>. Erasmo era, portanto, influência determinante nesse momento para boa parte dos pensadores espanhóis. Bataillon (1983, p. 351) ainda afirma que para Américo Castro o erasmismo era raiz da obra cervantina e que este reconheceu “em Cervantes a persistência de vestígios puramente estéticos de humanismo erasmista e lucianesco”<sup>5</sup>. Conforme C. Blanco Aguinaga (1979, p. 331, 335-336), Cervantes “tem uma mente organizada de modo humanista e inclusive científica”, que luta “contra os conceitos tradicionais de ‘limpeza de sangue’ e diferença entre linhagens” e defende “a igualdade e a dignidade dos seres humanos”<sup>6</sup>. Assim, Dom Quixote mostra a realidade contraditória de sua época.

Edward Riley (1973, p. 293) afirma que “As observações de Cervantes sobre literatura são expressadas ao longo de sua obra, ora *in propria persona*, ora por por seus narradores e personagens literários”<sup>7</sup>. No entanto as opiniões das personagens nem sempre são as de Cervantes e, em decorrência disso, é tarefa difícil precisá-las, porque diversas vezes se mostram “incompletas, ambíguas e inclusive contraditórias”<sup>8</sup> (Idem, p. 293). Riley (1973, p. 297) mostra que na poesia, no drama e no romance Cervantes dava importância a dois aspectos: a recreação e o proveito. Assinala também que ele estimava a erudição poética mas, como Erasmo, ridicularizou “a ilustração afetada e pedante”<sup>9</sup>. Suas fontes principais são as mesmas da crítica literária renascentista e excetuando-se “sua originalidade como teórico do romance em especial, há muito pouco em sua teoria geral que não se possa encontrar na teoria italiana do *Cinquecento*” (Idem, p. 294)<sup>10</sup>.

Anthony Close assevera que Cervantes não concebe os gêneros literários como completamente separados uns dos outros, mas valoriza a variedade, o que é notavelmente

<sup>4</sup> “y siguió siendo viva, aunque discontinua y subterránea, la afición a leer la *Moria* en algunos focos españoles de cultura humanística”

<sup>5</sup> “en Cervantes la persistencia de huellas puramente estéticas del humanismo erasmista y lucianesco”

<sup>6</sup> “tiene una mente organizada de modo humanista e incluso científica” (...) “contra los conceptos tradicionales de ‘limpieza de sangre’ y diferencia entre linajes” (...) “la igualdad y la dignidad de los seres humanos”.

<sup>7</sup> “Las observaciones de Cervantes sobre literatura son expresadas a lo largo de su obra, ya *in propria persona*, ya por sus narradores y personajes literarios”.

<sup>8</sup> “incompletas, ambiguas, e incluso contradictorias”.

<sup>9</sup> “la ilustración afectada y pedantesca”.

<sup>10</sup> “su originalidad como teórico de la novela en especial, hay muy poco en su teoría general que no pueda encontrarse en la teoría italiana del *Cinquecento*”.

visto no *Quixote*. Close (1982, p. 12) também afirma que Cervantes

expandiu enormemente o escopo das fábulas cômicas, introduzindo nelas tipos de assuntos que alguém poderia esperar encontrar na narrativa épica, em tratados políticos, em descrições de bailes de máscaras da corte, no gênero pastoral, e misturando tudo isso e mais com os ingredientes tradicionais das fábulas cômicas – contos populares, *burlas*, apotegmas, sátira social e assim por diante.<sup>11</sup>

Para Riley (1973) o ponto central para a teoria da novela em Cervantes é a “relação entre história e ficção”<sup>12</sup> (p. 307). Este estabelece diferença entre as duas, sabe que na ficção a verdade poética prevalece, mas também que esta depende em parte da verdade histórica. Mesmo escrevendo com rigor de historiador, Cervantes tinha um gosto pelo maravilhoso e em sua prosa tratou de reconciliá-lo com a vida real. Sabia que podia contar qualquer coisa desde que estabelecesse no leitor “uma relação entre esta [a narração] e sua inteligência”<sup>13</sup> (p. 316). Assim, Cervantes mostra uma interdependência entre o ideal e o possível.

Riley (1973, p. 318 e 322) ainda afirma o seguinte:

Só em *Dom Quixote* Cervantes encontra uma solução completamente satisfatória para o problema da relação entre o ideal poético e a realidade histórica. Aqui Cervantes situa o ideal no único lugar em que será encontrado de verdade em um mundo imperfeito: na mente humana. Em sentido filosófico e psicológico, *Dom Quixote* trata das complexas relações entre o mundo interior da mente e o mundo físico exterior. Em sentido literário, relaciona a ficção poética idealizada, ordenada providencialmente, com a ficção romanesca, orientada histórica e empiricamente.

(...)

Cervantes descobriu com a prosa narrativa que a arte é uma espécie de ilusão na qual o leitor participa, como em um jogo, com total consciência de sua irrealidade – e que quanto mais poderosa é a aparência de realidade, maior é a ilusão.<sup>14</sup>

<sup>11</sup> “have enormously expanded the scope of the comic fables, introducing into it types of subject-matter which one might expect to find in epic narrative, in political treatises, in descriptions of courtly masques, in the pastoral genre, and mixing all this and more with the comic fable’s traditional ingredients - folk-tales, *burlas*, apothegms, social satire, and so on.”

<sup>12</sup> “relación entre historia y ficción”

<sup>13</sup> “una relación entre ésta y su inteligencia”.

<sup>14</sup> “Sólo en *Don Quijote* halla Cervantes una solución completamente satisfactoria al problema de la relación entre el ideal poético y la realidad histórica. Aquí Cervantes sitúa lo ideal en el único sitio en que va a ser de veras encontrado en un mundo imperfecto: en la mente humana. En sentido filosófico y psicológico, *Don Quijote* trata de las complejas relaciones entre el mundo interior de la mente y el mundo físico exterior. En sentido literario, relaciona la ficción poética idealizada, ordenada providencialmente, con la ficción novelística, orientada histórica y empíricamente.

(...)

Cervantes descubrió con la prosa narrativa que el arte es una especie de ilusión en la que participa el lector, como en un juego, con total conciencia de su irrealidad – y que cuanto más poderosa es la apariencia de

O brilhante exercício literário que envolve o leitor também contém outros aspectos. A mente de dom Quixote, através de sua loucura, transforma a realidade, e isso tem um duplo sentido: o primeiro, mais explícito, o da loucura psicológica, uma patologia, que faz com que o louco não consiga enxergar a realidade como é, vendo apenas as suas próprias fabulações; o segundo é filosófico, denotando que somente um louco lutaria para transformar a realidade. Aqui há uma clara associação entre a loucura de dom Quixote e a *Moria* de Erasmo. É claro que isso acrescenta elementos complicadores para a compreensão da obra, mas com a imensa fortuna crítica que tem o *Quixote*, seria natural que acontecesse.

Em um artigo introdutório de uma prestigiada edição de *Dom Quixote*, Martín de Riquer (2005, p. LXV) escreve de forma categórica:

Para chegar a uma compreensão cabal do *Quixote*, pois, é preciso ter bem em conta que esse romance não é uma sátira da cavalaria ou dos ideais cavaleirescos, (...) uma burla do heroísmo e do idealismo nobre, mas a burla de uns livros que, por seus exageros extremos e sua falta de medida, ridicularizavam o heroico e o ideal. Todo o *Quixote* está construído como uma paródia dos livros de cavalarias.<sup>15</sup>

A obra seria basicamente uma paródia que, devido ao gênio de seu autor, cresceu e se tornou muito mais. Diferente da visão de Unamuno, Riquer (2005, p. LXXI) enxerga Cervantes como um hábil malabarista que “brinca com sua própria obra, se impõe a ela e a leva por onde quer, e inclusive ironiza sua própria criatura”<sup>16</sup>. A paródia se dá em mais de um nível, já que o segundo livro, publicado em 1615, se constitui como paródia do primeiro, de 1605, ou seja, este é para aquele o que as obras de cavalaria foram no princípio. Um outro aspecto que não se pode esquecer é que a obra é um livro humorístico, mesmo encerrando tanta profundidade e amargura.

Peter E. Russel (1969, p. 312) garante que “Por mais de um século e meio depois da primeira publicação do livro leitores, não somente na Espanha, mas em toda Europa, aparentemente aceitaram sem objeção que *Dom Quixote* era simplesmente um brilhante e bem

---

realidad, mayor es la ilusión.”

<sup>15</sup> “Para llegar a una cabal comprensión del *Quijote*, pues, es preciso tener bien en cuenta que esta novela no es una sátira de la caballería o de los ideales caballerescos, (...) una burla del heroísmo y del idealismo noble, sino la burla de unos libros que, por sus extremas exageraciones y su falta de medida, ridiculizaban lo heroico y lo ideal. Todo el *Quijote* está construido como una parodia de los libros de caballerías”.

<sup>16</sup> “juega con su propia obra, se impone a ella y la lleva por donde quiere, e incluso ironiza con su criatura misma”.

sucedido livro humorístico”<sup>17</sup>. Ele tenta resgatar a primeira forma como a obra foi vista e mostra desaprovação com a crítica moderna porque entende que a seriedade exagerada nas leituras atrapalha a compreensão.

Já Erich Auerbach pensa que é difícil determinar se a obra é trágica ou cômica. Acaba salientando que não é trágica, mas também que não é completamente cômica, pois “a prudente moderação, combinada com a absurda imoderação da ideia fixa, produz uma multiplicidade que não se deixa harmonizar totalmente com o cômico” (1987, p. 312). Essa multiplicidade atraía Cervantes, como apontado por Close (1982). Além da não tragicidade, para Auerbach (1987, p. 308) “o elemento satírico e o elemento da crítica do seu tempo são muito fracos”. Ele insiste que Dom Quixote não põe em questão a realidade e sua ação de fato não muda nada. A pergunta se o mundo está bem ordenado não teria sido feita na obra pois “a loucura de Dom Quixote ilumina tudo o que encontra em seu caminho com alegre indiferença, e deixa tudo em alegre confusão” (Idem, p. 314). Para ele Dom Quixote não é “nem um anarquista nem um profeta do Reino de Deus, antes mostra uma e outra vez que, sempre que a sua ideia fixa não está em jogo, ele se adapta prazerosamente às circunstâncias” (Idem, p. 309).

Essa visão difere bastante de outras interpretações, como a de Mario Vargas Llosa (2005, p. XXI), que liga *Dom Quixote* ao liberalismo do século XVIII, e vê sua ideia de liberdade antecipando “também alguns aspectos da dos pensadores anarquistas de séculos mais tarde”<sup>18</sup>. Dessa perspectiva Cervantes seria um homem à frente do seu tempo e *Dom Quixote* um louvor à liberdade individual e uma crítica ao poder aliada à sua rejeição.

No entanto é preciso ter cuidado com a ligações feitas entre Cervantes, especialmente com o *Quixote*, e esta ou aquela corrente ideológica, pois como diz Alfredo Alvar Esquerria (2005, p. 190):

outra coisa importante da historiografia cervantina é, precisamente, a apropriação de seu ser, ou de sua essência, por parte de todos os grupos sociais. Foi ultracatólico; republicano; monárquico; liberal; patrono; idealista; constitucionalista; revolucionário; sofredor da violência do sistema; samurai; ecologista; conservador; amante das mulheres e agora,

---

<sup>17</sup> “For more than one and a half centuries after the book was first published, readers, not only in Spain, but in all Europe, apparently accepted without cavil that *Don Quixote* was simply a brilliantly successful funny book”.

<sup>18</sup> “también algunos aspectos de la de los pensadores anarquistas de dos siglos más tarde”. É um artigo introdutório a uma edição do Quixote.

logo logo, será – ainda que creio que já é – gay. Produto cultural de onde estejam, mito de referência; dom Quixote e Sancho já não são eles, deixaram de ser eles [mesmos]<sup>19</sup>.

Como mitos fundadores, os dois grandes personagens são usados como elemento de legitimação para fortalecer aqueles que querem divulgar ideias e que não conseguem, por conta própria, levar a cabo seu intuito. Qualquer interpretação deve ser posta a prova, e aquelas que tentam ligar o *Quixote* a determinadas correntes ideológicas merecem ainda mais rigor.

Na visão de Auerbach (1987, p. 316) “Cervantes se deixava levar pela situação do momento, pelas necessidades de cada aventura”, o que parece estar de acordo com a fama do romance de ser uma grande improvisação. J. B. Avallé-Arce e E. C. Riley (1973, p. 60) refutam esta interpretação que, segundo eles, também foi rejeitada “pela maior parte da crítica contemporânea”<sup>20</sup>. Eles indicam também uma grande inovação literária de Cervantes: a liberdade do artista e a liberdade da personagem. O narrador escreve como *quer* e não como *deve*, e por isso Dom Quixote surge livre de determinismos geográficos, de sangue, de família e tradições. Há uma “autodeterminação em contraste com o determinismo”<sup>21</sup> (Idem, p. 48) constante nas obras até então. Dom Quixote, confundindo estética com ética, vai viver a vida como obra de arte, encarnando o princípio renascentista do *imitatio*. “Nos personagens há um verdadeiro afã de autorrealização”<sup>22</sup> (Idem, p. 49) e a vontade surge então como dimensão primária da vida.

“A vontade, como sempre no mundo de dom Quixote, corrige a realidade”<sup>23</sup>, afirmam Avallé-Arce e Riley (1973, p. 56). O cavaleiro reconhece que seu ideal não se adéqua a este mundo, mas mesmo assim decide vivê-lo, e é nisso que reside seu heroísmo. Para os dois autores “Existe uma correlação lógica entre o seu estado mental, que vai mudando, e os episódios externos”<sup>24</sup> (Idem, p. 73). Dom Quixote fica louco e através de sua loucura transforma a realidade para viver suas aventuras. Na segunda parte essa loucura está

<sup>19</sup> “otra de las cosas importantes de la historiografía cervantina es, precisamente, la apropiación de su ser, o de su esencia, por parte de todos los grupos sociales. Fue católico ultra; republicano; monárquico; liberal; patrono; idealista; constitucionalista; revolucionario; sufridor de la violencia del sistema; samurai; ecologista; conservador; amante de las mujeres y ahora, a poco a poco, será –aunque creo que lo es ya– gay. Producto cultural donde los haya, mito de referencia; don Quijote y Sancho ya no son ellos, han dejado de ser ellos”.

<sup>20</sup> “la mayor parte de la crítica contemporánea”.

<sup>21</sup> “autodeterminación en contraste con el determinismo”

<sup>22</sup> “En los personajes hay un verdadero afán de autorrealización”

<sup>23</sup> “La voluntad, como siempre en el mundo de don Quijote, corrige a la realidad”.

<sup>24</sup> “Existe una lógica correlación entre su estado mental que va cambiando y los episodios externos”.

transformada, ele está mais lúcido. Essa restauração mental vai se acentuando até que o herói chega a um estado de desilusão que o faz retornar à cordura e voltar a ser Alonso Quijano, o bom, o que significa a morte de Dom Quixote.

Nos quatro séculos de vida do *Engenhoso Fidalgo* só mais recentemente têm surgido interpretações que enfocam seu escudeiro, Sancho Pança, ainda que o segundo livro tenha sido chamado de “Epopéia de Sancho”. Marcel Bataillon (1983, p. 357) indica que “Castro assinalou como ninguém a complexidade e a fecundidade imprevisível do personagem de Sancho”<sup>25</sup>. Já para J. B. Avalle-Arce, Sancho é criatura de Dom Quixote, chegando a se tornar sua projeção espiritual, quando fica separado de seu amo na ilha Baratária.

Em geral Sancho é mencionado por causa de sua dita “quixotização” ao longo da obra, já que dom Quixote é o personagem central, mesmo que se reconheça que aquele adquire independência no percurso da narrativa. Nem por isso uma análise de Sancho é menos justificada. Para Vladimir Nabokov (1986, p. 59) “o personagem de Sancho é o produto de uma generalização, enquanto que o de dom Quixote é o resultado de uma concepção individual”<sup>26</sup>. Há um contraste claro entre dom Quixote e Sancho, mas esse contraste, que permanece tão nítido no aspecto físico, vai diminuindo no decorrer das aventuras, até que passam a ser semelhantes. No entanto é preciso ressaltar que a “paródia do escudeiro parte da simplicidade que possui em comum com dom Quixote e não da criação de um Sancho-Quixote, ainda que ocupe seu lugar e duplique burlescamente suas loucuras”<sup>27</sup> (URBINA, 1991, p. 171).

“Inúmeros comentadores sublinharam o fato que tanto a loucura de dom Quixote como o bom senso de Sancho são mutualmente contagiosos”<sup>28</sup>, diz Nabokov (1986, p. 62), mas a questão vai além. Paulo Bezerra (2005, p. 101) “parte da concepção segundo a qual essa relação entre Quixote e Sancho é uma interação dialógica entre sujeitos de suas próprias consciências e de seus próprios discursos, que participam em isonomia do processo de construção dos diálogos do romance”. O diálogo serve como uma das bases para a construção

<sup>25</sup> “Castro há señalado como nadie la complejidad y la fecundidad imprevisible del personaje de Sancho”

<sup>26</sup> “le personnage de Sancho est le produit d’une généralisation, alors que celui de Don Quichotte est le résultat d’une approche individuelle”.

<sup>27</sup> “parodia del escudero parte de la simpleza que posee en común con don Quijote y no de la creación de un Sancho-Quijote, aunque ocupe su lugar y duplique burlescamente sus locuras” URBINA, Eduardo, obra citada, p. 171.

<sup>28</sup> “Nombre de commentateurs ont souligné le fait que tant la folie de Don Quichotte que le bon sens de Sancho sont mutuellement contagieux”.

da narrativa, e tem também papel fundamental na relação Dom Quixote-Sancho, como indica Miguel José Pérez. Assim como dom Quixote educa Sancho e o molda, também é educado e moldado por ele. Focalizando-se no escudeiro, Pérez (2005, p. 4) diz que é o diálogo que faz com que Sancho “participe da mesma loucura de seu amo”<sup>29</sup> e se abra para novos horizontes.

Eduardo Urbina (1991, p. 139) afirma que na segunda parte da obra “Sancho atua com maior amplitude e independência, segundo os conhecimentos ganhos”<sup>30</sup>, o que culmina em seu governo na ilha. Apesar de a promessa feita a Sancho de que se tornaria cavaleiro e governador ser ridícula, o governo acaba se realizando, mas não do modo como esperava. “O fictício se torna realidade, mas no ato se converte em algo marcadamente diferente do que almejava”<sup>31</sup> (RILEY, 2002, p. 9).

Para Nabokov (1986, p. 65) “o desenvolvimento do espírito e do personagem de Sancho Pança (...) permitiu a Cervantes destacar um tipo de sagacidade e de eloquência e uma fina análise da vida que constitui a essência do humanismo”<sup>32</sup>. Bataillon vê em Sancho a encarnação da *stultitia* de que Erasmo falou. Portanto, se o governo de Sancho for uma utopia, a base desta estaria em sua loucura. Unamuno, Auerbach, M. J. Pérez e o próprio Bataillon, entre outros, apontaram para a loucura como um recurso usado por Cervantes para escrever com mais liberdade, pois os loucos podem falar o que quiserem. Além de uma referência a Erasmo, isso pode ser considerado como algo que liga o *Dom Quixote* ao gênero utópico?

José Antonio Maravall interpreta a novela inteira como sendo uma utopia. Vê no *Quixote* uma atitude de repulsa do Estado moderno e ao mesmo tempo a perseguição de uma renovação humana e social que aponta para a idade do ouro. Segundo esse autor a obra contém um forte naturalismo baseado nos “ensinamentos estoicos e na doutrina do cristianismo, que juntos constituem a herança moral do homem do século XVI”<sup>33</sup> (2006, p. 186), além de apontar para a valorização da liberdade do indivíduo e para um afastamento das formas de propriedade individual. Para embasar sua interpretação Maravall aponta vários aspectos do *Quixote* semelhantes às obras utópicas, como as poucas referências ao espaço e ao

---

<sup>29</sup> “participe de la misma ‘locura’ de su amo”.

<sup>30</sup> “Sancho actúa con mayor amplitud e independencia, según los conocimientos ganados”.

<sup>31</sup> “Lo ficticio se hace realidad, pero en el acto se convierte en algo señaladamente diferente de lo que anhelaba”.

<sup>32</sup> “le développement de l’esprit et du personnage de Sancho Pança (...) a permis à Cervantès dégager un type de sagesse et d’éloquence et une fine analyse de la vie qui constituent l’essence de l’humanisme”.

<sup>33</sup> “enseñanzas estoicas y la doctrina del cristianismo que juntas constituyen la herencia moral del hombre del siglo XVI”.

tempo, com uma base nacional imprecisa. Segundo ele

a utopia da vontade fichteana, de dom Quixote, leva à utopia da razão natural e culmina no episódio da ínsula Baratária. O governo pela razão –a razão em sentido tradicional, que engendra a sabedoria, não a que, na mente moderna, produz a ciência positiva– é a chave política da idade dourada (MARAVALL, 2006, p. 210)<sup>34</sup>.

A distinção entre os dois tipos de razão é importante para evitar a confusão de significado nos termos usados. Não é a razão científica pós-cartesiana, mas o bom senso tradicional.

Sobre o governo Ramón de Garciasol (1965, p. 274) diz que “No *Quixote*, a arte de governar consiste em fazer justiça e permitir o desenvolvimento do homem em uma ordem de liberdade”<sup>35</sup>. Segundo Maria Augusta Vieira (1998, p. 130)

o desempenho de Sancho contrasta radicalmente com as intenções dos Duques e sua experiência como governador, em lugar de destacar suas necessidades mais rasteiras e imediatas, revelou seu bom senso e espírito de justiça. (...) De certa forma, seria possível dizer que vivenciando a ficção foi possível conhecer a própria realidade, como se o sonho, de alguma forma, iluminasse a vida.

O sonho iluminando a vida é uma bela imagem e não deixa de ser gracioso que o tolo Sancho tenha conseguido se despir de suas necessidades para se tornar um excelente governador.

Já para Paulo Bezerra (2005, p. 105), Sancho, “Em seus atos e decisões administrativas, combina uma visão humanista das obrigações do governador, que sintetiza a concepção popular do juiz justo e do governante justo”. Então se Sancho permanece o mesmo quando se torna governador (como pensa Auerbach) sua sabedoria é, de acordo com Maravall (2006, p. 211), “baseada na manifestação livre e natural da razão, frente à justiça formal e organizada”<sup>36</sup>. Para ele a ação de dom Quixote visa “criar na sociedade aquelas condições que tornem possível o governo de Sancho”<sup>37</sup> (2006, p. 210). Aponta também mais um elemento de semelhança com o gênero utópico lembrando que na *Utopia* de Morus

as leis estavam ao alcance de todas as pessoas do país (...) e a interpretação

---

<sup>34</sup> “la utopía de la voluntad fichteana, de don Quijote, lleva a la utopía de la razón natural y culmina en el episodio de la ínsula Barataria. El gobierno por la razón –la razón en sentido tradicional, que engendra la sabiduría, no la que, en la mente moderna produce la ciencia positiva– es la clave política de la edad dorada”.

<sup>35</sup> “En el *Quijote*, el arte de gobernar consiste en hacer justicia y permitir en un orden de libertad el desarrollo del hombre”.

<sup>36</sup> “basada en la libre y natural manifestación de la razón, frente a la justicia formal y organizada”.

<sup>37</sup> “crear aquellas condiciones en la sociedad que hagan posible el gobierno de Sancho”.

que, ao aplicá-las, se busca dar às leis ‘est maxime crasa ita maxime aequam censent’. Maximamente crassa, comum, vulgar, é também a maneira de governar de Sancho; governo de qualquer um, do senso comum<sup>38</sup> (2006, p. 215).

J. Lee Greene (1974, p. 117) diz que “o governo de Sancho serve para a apresentar um ideal político, civil, e de um sistema social”<sup>39</sup>, semelhante à *Utopia*, e dessa forma é nesse episódio que se encontram os elementos chave para a interpretação da obra como tal.

Tanto Mariano Baquero Goyanes (2005) quanto Maravall (2006, p. 228) reconhecem a escassez de obras utópicas na Espanha e este último pergunta: “Houve como que uma refração espanhola a essa maneira de pensamento no plano teórico?”<sup>40</sup>, Em algumas obras aparecem fragmentos que se identificam com o pensamento utópico, mas só o *Quixote* poderia, de certa forma, ser filiado ao gênero, “E ainda assim com as peculiaridades e notas específicas que a literatura utópica na Espanha deveria apresentar”<sup>41</sup>.

O dito realismo cervantino não o distancia do pensamento utópico, ao contrário, conforme expressado por Luigi Firpo (2005, p. 229), para quem “o utopista, entendido como aquele que escreve uma utopia, é normalmente um grande realista”, pois está ciente que seus contemporâneos não o compreenderão e que podem até reagir violentamente contra ele. O realismo está na percepção que o utopista tem da sociedade, não em escrever um projeto que seja imediatamente executável. Sendo assim, sua “mensagem radical deve apresentar-se mascarada e fantasiada” (FIRPO, 2005, p. 230), inteligível somente para aqueles que conseguirem usar sua razão para observarem criticamente a sociedade. Dito de outra forma, a utopia será compreendida por aqueles que, descontentes com o mundo como ele é, procuram ver o mundo como ele pode ser. Ninguém completamente conformado com seu tempo verá sentido na utopia.

Também para Maravall (2006, p. 230) “o real se faz presente na utopia pelo lado, nem sempre reconhecido, de sua vinculação histórica”<sup>42</sup>. Ele afirma que a utopia de Cervantes “longe de parecer uma construção geométrica (...) não é senão o drama de uma existência humana, com tudo o que de impuro, imperfeito, doloroso há nela, porque a perfeição humana

---

<sup>38</sup> “las leyes estaban al alcance de todas las gentes del país (...) y la interpretación que, al aplicarlas, se busca dar siempre a las leyes «est maxime crasa ita maxime aequam censent». Máximamente crasa, común, vulgar, es también la manera de gobernar de Sancho; gobierno de cualquiera, del común sentido”.

<sup>39</sup> “Sancho’s governorship serves to present an ideal political, civil, and social system”.

<sup>40</sup> “¿Hubo como una refracción española para esta manera de pensamiento en el plano teórico?”

<sup>41</sup> “Y aun así, con las peculiaridades y específicas notas que habría de presentar la literatura utópica en España”.

<sup>42</sup> “lo real se hace presente en la utopía por el lado, no siempre reconocido, de su vinculación histórica”.

se alcança, para o sentimento cristão e imediato ao barroco de Cervantes, através da dor e ainda do fracasso” (2006, p. 231)<sup>43</sup>. Isso leva ao que afirmou E. C. Riley (2002, p. 6): “O herói pode ter ou não feições cômicas ou patéticas; pode ser representado em chave menor: o importante é que demonstre uma suficiência deste espírito heroico, ainda que fracasse ou esteja indefeso”.<sup>44</sup> Dessa forma, a visão de Dom Quixote como um livro de entretenimento, cômico, não excluiria a interpretação heroica ou a utópica.

Sobre o governo de Baratária, Greene (1974, p. 118) pensa que “Até esse ponto no romance Cervantes explorou o potencial cômico de Sancho; agora ele é o personagem mais sã e racional do livro. Ele pôs o seu bom senso para trabalhar”<sup>45</sup>. Para J. A. Maravall (2006, p. 216) Sancho possui uma filosofia comum, popular, “não outra coisa que filosofia moral, disciplina adequada para preparar a toda função de governo, desde o de si mesmo até o da sociedade e da república”<sup>46</sup>. Francisco López Estrada vê anacronismo nas propostas do fidalgo, o que é a razão de sua impossibilidade, e nela reside, basicamente, aspecto contra-utópico da obra. No fim das contas tanto Sancho abandona o governo, como dom Quixote a cavalaria andante. Semelhante a Maravall, López Estrada (1996, p. 90) percebe no *Quixote* utopia e contra-utopia, lembrando também “o maravilhoso pendulamento que caracteriza a obra”<sup>47</sup> e permite que ela contenha todos esses contrastes.

Já foi apontada a importância da relação entre história e ficção para Cervantes, especialmente em *Dom Quixote*, além dos seus pensamentos sobre a poesia e a prosa. Tudo isso, e também o drama, está presente nessa obra, mas, para Maravall (2006, p. 233) “Cervantes escreve nele algo entre história e poesia, isto é, se situa nessa *hinterland* em que surge a utopia e se mantém na peculiar relação com o ser real e o dever normativo próprio das invenções utópicas”<sup>48</sup>. O episódio da ilha Baratária apareceria como uma fábula criada para ser o ápice da utopia cervantina; a “ínsula” inexistente seria um jeito de adequar à novela

<sup>43</sup> “lejos de parecer una construcción geométrica (...) no es sino el drama de una existencia humana, con todo lo que de impuro, imperfecto, doliente, hay en ella, porque la perfección humana se alcanza, para el sentimiento cristiano e inmediato al barroco de Cervantes, a través del dolor y aun del fracaso”

<sup>44</sup> “El héroe puede o no tener rasgos cómicos o patéticos; puede ser representado en clave menor: lo importante es que demuestre una suficiencia de este espíritu heroico, aunque fracase o esté indefenso”.

<sup>45</sup> “Up until this point in the novel Cervantes had exploited the comic potential of Sancho; now he is probably the most sane and rational character in the book. He had put his common sense to work”.

<sup>46</sup> “no otra cosa que filosofía moral, disciplina adecuada para preparar a toda función de gobierno, desde el de uno mismo hasta el de la sociedad y la república”.

<sup>47</sup> “la maravillosa pendulación que caracteriza la obra”.

<sup>48</sup> “Cervantes escribe en él entre historia y poesía, esto es, se sitúa en ese *hinterland* en que surge la utopía y se mantiene en la peculiar relación con el ser real y el deber normativo propio de las invenciones utópicas”.

inteira a ideia de “não-lugar”, sentido primeiro de “utopia”, pontuando também que a manutenção do cultismo latino “insula” lembra a *Insula Utopiae*. Mas Maravall (2006, p. 236-237) esclarece que “Cervantes muda fundamentalmente o método utópico em não inventar um lugar ‘sem lugar’, mas em imaginar uma figura humana de localização indeterminada”<sup>49</sup>. Essa é a direção que toma a literatura utópica espanhola, a partir do Quixote. Por fim escreve Maravall (2006, p. 244) que Cervantes “Sem nenhuma acridez, se sente vencido pela época, e ri serenamente de uma ilusão pela qual talvez se sentiu juvenilmente tocado. Mas ao rir faz outros refletirem sobre o estado de uma sociedade na qual uma vontade pura e nobre é sempre ridicularizada”<sup>50</sup>. Semelhante à metáfora da utopia como mensagem da garrafa.

A ilha se tornara uma obsessão para Sancho e, por isso, ele aquiesceu a várias burlas dos duques, só percebendo que governar não valia tanto assim quando já estava lá. Poderia se dizer que ele se assemelha a Rafael Hitlodeu na *Utopia*, que não queria ser conselheiro do príncipe por compreender que a justiça que aprendera na ilha de Utopia nada tem a ver com as veleidades do poder.

É preciso notar que *Dom Quixote* é uma obra episódica: três grandes episódios (as três saídas) intercalados com outros pequenos episódios interdependentes, verossímeis e, ao mesmo tempo, oriundos da trama principal. Isso permite que essas partes da obra, como o caso da ilha Baratária, sejam analisados separadamente, ainda que em conexão com o resto do texto. Lembrando que “O ato de isolar e extrair uma porção do ‘mundo’ do romance é o equivalente crítico de isolar e extrair da vida o que constituiria uma história. E se tratando de ficção, há que escolher entre um sem fim de possibilidades. O ato crítico, sendo um ato artístico, é forçosamente ‘artificial’”<sup>51</sup> (AVALLE-ARCE; RILEY, 1973, p. 74).

Por fim a advertência de Alvar Esquerria (2005, p. 189-190) parece servir como um bom conselho:

Claro que os textos ou as ideias cervantinas (e especialmente n’*O Quixote*) são tão complexos que deram pé para mil e uma interpretações, leituras, fabulações e confabulações. Tanto que (me dá a sensação que isso me ronda

<sup>49</sup> “en lo que Cervantes cambia fundamentalmente el método utópico es en no inventar un lugar «sin lugar», sino en imaginar una figura humana de indeterminable emplazamiento”.

<sup>50</sup> “Sin acritud ninguna, se siente vencido por la época, y serenamente ríe de una ilusión de la que quizá juvenilmente se sintió tocado. Pero al reír hace a otros recapacitar sobre el estado de una sociedad en la que una pura y noble voluntad queda siempre en ridículo”.

<sup>51</sup> “El hecho es que aislar y extraer una porción del ‘mundo’ de la novela es el equivalente crítico de aislar y extraer de la vida lo que constituiría una historia. Y tratándose de una ficción, hay que escoger entre un sinfín de posibilidades. El acto crítico, siendo un acto artístico, es por fuerza ‘artificial’”.

à cabeça) não sabemos se em verdade, em verdade, lemos Cervantes ou seu exegeta. Por isso deve-se limpar o cervantino de aderências externas e intentar recuperá-lo em seu estado prístino, isto é, lendo o que escreveu e não tentando explicar o que ele quis dizer e que não disse mas que tentou dizer porque, na realidade, isso encerra outra coisa que querias que tivesse querido dizer e não disse, ou seja, daí ao divã, só um pouco de tempo.<sup>52</sup>

Assim, que este texto seja um convite para a leitura – ou mesmo uma nova visita – do próprio texto do *Quixote*, seguramente mais rico, gracioso e elegante que qualquer interpretação.

### ***The many ways of the Quixote: a plurality of voices and interpretation***

**Abstract:** *This article seeks to review the readings of Cervantes' great work, showing the plurality of interpretations, including the contradictions between them, especially the two main interpretations: the comic and romantic. It also aims to highlight its relationship with history, with the changes that Spanish society was going through in the late sixteenth and early seventeenth centuries. Also inquire about the possible link of the Quixote with utopian literature, through the influence of Erasmus, emphasizing the episode in which Sancho becomes governor of the island of Barataria.*

**Keywords:** *Don Quixote. Criticism and interpretation. Utopias.*

### **Referências**

ALVAR ESQUERRA, Alfredo. Algunos instrumentos para estudiar lo cervantino. **Cuadernos de Historia Moderna**, n. 30, p. 185-193, 2005.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**. A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1987.

AVALLE-ARCE, Juan Bautista. **Don Quijote como forma de vida**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002.

AVALLE-ARCE, Juan Bautista; RILEY, Edward C. Don Quijote. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Suma Cervantina**. Londres: Tamesis, 1973, p. 47-79.

BAQUERO GOYANES, Mariano. **Realismo y utopía en la literatura española**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2005.

---

<sup>52</sup> “Claro que, los textos o las ideas cervantinas (y especialmente en *El Quijote*) son tan complejos que han dado pie para mil y una interpretaciones, lecturas, fabulaciones y confabulaciones. Tanto que (me da la sensación que esto me ronda en la cabeza) no sabemos si en verdad, en verdad, leemos a Cervantes o a su exégeta. Por ello, hay que limpiar lo cervantino de adherencias externas e intentar recuperarlo en su estado prístino, esto es, leyendo lo que escribió y no inventando el explicar lo que quiso decir y que no dijo pero que intentó decir porque, en realidad, eso encierra otra cosa que querrías que hubiera querido decir y no dijo, o sea, de ahí la diván, un poco de tiempo”.

- BATAILLON, Marcel. **Erasmus y el Erasmismo**. Barcelona: Editorial Critica, 1983.
- BEZERRA, Paulo. Sancho Pança: esse duplo de dom Quixote. In: TROUCHE, A.; REIS, Livia (Org.). **Dom Quixote: utopias**. Niterói, RJ, EDUFF, 2005.
- BLANCO AGUINAGA, Carlos; ZAVALA, Iris M.; RODRIGUEZ PUERTOLAS, Julio. **História social da literatura española**. Madrid: Castalia, 1979, v. 1.
- CLOSE, Anthony. Cervantes' Arte Nuevo de Hazer Fábulas Cómicas en este Tiempo. **Bulletin of the Cervantes Society of America**, v. II, n. 1, p. 3-22, 1982.
- \_\_\_\_\_. **The romantic approach to "don Quixote"**: a critical history of the romantic tradition in "Quixote" criticism. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- FIRPO, Luigi. Para uma definição de "Utopia". **Revista Morus: Utopia e Renascimento**. Campinas, n. 2, p. 227-237, 2005.
- GARCIASOL, Ramón de. **Claves de España: Cervantes y el "Quijote"**. Madri: Ediciones Cultura Hispánica, 1965.
- GREENE, J. Lee. "Fielding's Gipsy Episode and Sancho Panza's Governorship". **South Atlantic Bulletin**, v. 39, n. 2, pp. 117-121, 1974.
- LÓPEZ ESTRADA, F. La fortuna de Tomás Moro y su "Utopía" en la España del siglo de oro. **La fortuna dell'Utopia di Thomas More nel dibattito politico europeo del '500**, II Giornata Luigi Firpo, Quaderni (2) della Fondazione Luigi Firpo – Centro studi sul pensiero politico. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1996, p. 74-93.
- MARAVALL, J. A. **Utopía y contrautopía en el Quijote**. Madri: Visor Libros, 2006.
- NABOKOV, Vladimir Vladimirovich. **Litteratures III: Don Quichotte**. Tradução Helene Pasquier. Paris: Fayard, 1986.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Meditaciones del Quijote**. Madri: Cátedra, 1995.
- PÉREZ, Miguel José. **Don Quijote-Sancho / Sancho-Don Quijote: enseñanza-aprendizaje entre el diálogo y la aventura**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2005.
- RILEY, Edward C. La singularidad de la fama de don Quijote. **Bulletin of the Cervantes Society of America**, v. XXII, n 1, p. 27-41, 2002.
- \_\_\_\_\_. Teoría Literaria. In: AVALLE-ARCE, J. B.; RILEY, E. C. (Org.). **Suma Cervantina**. Londres: Tamesis, 1973, p. 293-322.
- RIQUER, Martín de. Cervantes y el "Quijote". In: CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Don Quijote de la Mancha**. Edição e notas de Francisco Rico. [Ed. de IV Centenario de la Real Academia Española e de la Asociación de Academias de la Lengua Española]. Madri: Alfaguara, 2005, p. XLV-LXXV.
- RUSSELL, Peter E. "Don Quixote" as a Funny Book. **Modern Language Review**, n. 64, p. 312-326, 1969.
- UNAMUNO, Miguel de. **Ensayos**. Tomos I e II. Madri: Aguilar, 1958.
- URBINA, Eduardo. **El sin par Sancho Panza: parodia y creación**. Barcelona: Anthropos, 1991.
- VARGAS LLOSA, Mario. Una novela para el siglo XXI. In: CERVANTES SAAVEDRA,

Miguel de. **Don Quijote de la Mancha**. Edição e notas de Francisco Rico. [Ed. de IV Centenario de la Real Academia Española e de la Asociación de Academias de la Lengua Española]. Madri: Alfaguara, 2005, p. XIII-XXVIII.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. **O dito pelo não-dito**: paradoxos de Dom Quixote. SP: Edusp, 1998.